



NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3723 — BISSAU

Empresa estatal para controlar a distribuição e importação de medicamentos

Uma nova empresa foi criada na Guiné-Bissau. Será a primeira firma nacional encarregada da importação e distribuição de medicamentos e produtos farmacêuticos. A firma será estruturada a partir de agora, com base numa decisão do Conselho de Comissários, tomada este mês.

A «Central Farmedi» será dirigida por Tiago Aleluia Lopes, do Comité Executivo de Luta, e ficará na dependência do Comissariado de Estado da Saúde e Assuntos Sociais. No entanto, terá autonomia administrativa e financeira e será regida por estatutos que deverão ser publicados brevemente no Boletim Oficial. Para isso, foram designados responsáveis pela saúde e justiça para apresentarem o projecto de estatutos até o dia 10 de Outubro.

Ainda não foi definida a região do país onde funcionará a sede da «Central Farmedi». A empresa terá o exclusivo de importação de drogas, vacinas, reagentes, utensílios de farmácia, instrumentos cirúrgicos e material hospitalar. Ao mesmo tempo centralizará a instalação de De acordo com a nova lei, as

entidades farmacêuticas têm um prazo de 90 dias para regularizarem os seus pedidos de importação já feitos, cuja relação deverá ser apresentada às entidades competentes.

Mensagem de Ramalho Eanes ao camarada Presidente

O novo Presidente da República de Portugal, general António Ramalho Eanes, enviou ao

camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, o seguinte telegrama:

Luiz Cabral recebeu ministro da Gâmbia

O Presidente Luiz Cabral recebeu anteontem durante a manhã, no Palácio da República, o Ministro dos Ne-

gócios Estrangeiros da Gâmbia, Alhaji Alieu Njie. Durante o encontro, o representante gambiano transmitiu uma mensagem do presidente Dawda Jawara ao chefe de governo da Guiné-Bissau.

Entre os temas discutidos, foi analisada a cooperação entre os dois países, especialmente no âmbito do projecto de construção da auto-estrada Bissau-Banjul-Dakar. Ao comentar os resultados da reunião, o Ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou:

— Durante a visita do camarada Luiz Cabral à Gâmbia já havíamos abordado as formas de cooperação entre os dois países nos sectores de comunicações e comércio. Esta reunião complementa os nossos contactos anteriores.

A partir de agora, os nossos ministérios devem manter ligações frequentes.

MANIFESTAÇÕES NA AFRICA DO SUL CONTRA A POLITICA RACISTA

JOANESBURGO — O povo na África do Sul continua a resistir à criminosa política do «apartheid». Uma semana após a reabertura das escolas «para negros», as manifestações estudantis prosseguem nos «ghettos» (bairros onde os negros são forçados a viver) africanos do país, nomeadamente em redor de Joanesburgo.

Na noite de terça para quarta-feira, pelo menos seis escolas foram destruídas pelo fogo, na cintura das cidades-dormitório da grande «metrópole branca» dos racistas. Os prejuízos cifram-se em milhares de dólares e a polícia de Soweto, impotente perante as grandes manifestações de resistência popular apesar da brutal repressão, classificou estes actos de «guerrilha urbana escolar».

Na verdade, os incêndios são provocados geralmente com tochas feitas de livros e cadernos escolares: os estudantes africanos protestam assim contra o racismo e a discriminação de que são vítimas.

COOPERAÇÃO COM A LIBIA NA AGRICULTURA E PESCAS

Duas delegações da Líbia estão em Bissau para discutir problemas relacionados com a pesca e agricultura. Os técnicos estrangeiros deverão estudar a viabilidade de iniciar projectos conjuntos, na sequência de um acordo de cooperação assinado entre os dois países. Para isso, devem permanecer uma semana na capital em contacto permanente com os comissariados desses sectores.

O Comissariado da Agricultura e Pecuária já esteve reunido com a delegação da Líbia e espera discutir conjuntamente vários planos de reestruturação da actividade, que se encontram em fase final de pesquisa. Até agora, no entanto, só foi possível debater o programa es-

tabelecido, que inclui visitas aos projectos de açúcar e arroz, nas regiões de Gambiel e Farim e ainda às granjas de Pessubé e Prábis.

A delegação especializada em pesca marítima manteve um primeiro contacto ontem com o Comissariado de Transportes e Comunicações. Esteve reunida com Otto Schacht e outros responsáveis do sector de pescas para estudar as possibilidades de integração da parte Líbia, na Sociedade Guinéo-Argelina de Pescas (Guialp). Aliás, a participação dos três países numa empresa mista estava prevista anteriormente e agora será assinado um acordo, no final das negociações.

Por outro lado, uma delegação

francesa do Ministério da Cooperação também esteve em Bissau. Permaneceu 15 dias na capital e esteve reunida com engenheiros do comissariado da Agricultura e Geologia e Minas, para tratar de aspectos gerais no âmbito da cooperação.

Delegação da Frente Polisario

Uma delegação da Frente Polisario chegou na terça-feira a Bissau. É composta por dois membros das Relações Exteriores da Frente: Abdelfettah Mohamed e Cori Ahmed. Trouxe uma mensagem do Presidente da República Árabe Sahariana Democrática para o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente de Cabo Verde, que já foi entregue. Na Guiné-Bissau, terão contactos com alguns dirigentes do Partido e do Estado. Pretendem expôr a situação político-militar no Sahara Ocidental.

TREMOR DE TERRA NA CHINA — MILHOES DE DESALOJADOS

A República Popular da China acaba de sofrer uma das maiores catástrofes da sua história. Um tremor de violência excepcional abalou uma região industrial muito parada, a 150 quilómetros de Pequim.

Assembleia de responsáveis da Saúde

Teve início ontem à tarde, na Associação Comercial, em Bissau, a assembleia anual dos responsáveis da Saúde e Assuntos Sociais.

Esta reunião, em que estavam presentes os delegados regionais do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais, destinava-se a efectuar uma análise e um balanço da actividade realizada naquele sector, ao longo de um ano, em todo o país.

O ministro da Saúde e Assuntos Sociais de Cabo Verde, camarada Manuel Faustino, foi especialmente convidado para participar.

Segundo os observadores, que se baseiam nos primeiros testemunhos, o sismo poderá ter causado milhares de vítimas. O abalo sísmico foi o mais forte registado em todo o mundo, nos últimos 10 anos: 7,3 na escala de Richter, de dez pontos.

Vinte e quatro horas após o tremor de terra, que destruiu a cidade de Tang Shan, Pequim, a capital apresenta um ar de êxodo e de grande tristeza. Aos milhares, os chineses passaram a noite nas ruas, em abrigos improvisados, longe das habitações.

A agência «Nova China», anunciando pela primeira vez o terramoto, ocorrido na noite de terça para quarta-feira, noticiou que «os estragos são de diversos graus, na região do epicentro». Precisando que as províncias atingidas são as Hopei e Pequim.

CORREIOS: Suspensão dos serviços de contra- reembolso

Os serviços de correspondência contra-reembolso entre o nosso país com Portugal foram suspensos temporariamente, a partir de 27 de Maio, para regularização da execução do serviço internacional, e ainda não foram restabelecidos. Esta medida foi tomada pelo Comissariado dos Correios e Telecomunicações para evitar que a execução desses serviços continuasse a ser feita por entidades portuguesas, do mesmo modo que se faziam quando a Guiné-Bissau ainda era sua colónia. Os serviços serão restabelecidos após a assinatura de um acordo bilateral entre os dois países.

Nestes serviços prestados pelos correios, aceitando objectivos de expedidores para serem entregues aos destinatários, contra a cobrança da importância indicada pelos mesmos expedidores, ocorria também fuga de câmbios.

Comércio externo em 1975

IMPORTAÇÕES SEIS VEZES SUPERIORES AS EXPORTAÇÕES

A nossa balança comercial (diferença entre o valor das importações e o das exportações) apresentava, no final de 1975, um saldo negativo de 808 mil e 97 contos. Ao longo dos doze meses daquele ano, comprámos ao estrangeiro mercadorias no valor de 965 mil e 360 contos, ao passo que as que vendemos apenas renderam 157 mil e 263 contos. Fazendo as contas, verificamos que o valor das importações foi seis vezes superior ao das exportações, o que traduz uma grande dependência económica face ao exterior. Estes números são-nos revelados no Boletim do Comércio Externo, relativo a Dezembro de 1975.

A nossa balança comercial desequilibrou-se sensivelmente a partir do meio do ano. Até Junho, o saldo contra nós pouco excedia os 250 mil contos. Nos primeiros seis meses do ano passado, importámos apenas 350 mil contos de bens. Mas, a partir daí, o ritmo das nossas importações começou a subir vertiginosamente. Ao passo que as exportações, que no primeiro semestre ultrapassavam ligeiramente os 100 mil contos, se mantiveram quase na mesma.

ARROZ À CABEÇA DAS IMPORTAÇÕES

O que é que comprámos ao estrangeiro? Praticamente de tudo, com incidência sobre alguns

tipos de mercadorias. O Boletim indica-nos: em primeiro lugar, encontram-se, na classificação estatística, os produtos de origem vegetal, que representam quase 20 por cento das nossas importações. Quem diz produtos de origem vegetal diz, principalmente, arroz. Apesar dos esforços dos nossos agricultores, ainda gastámos, o ano passado, mais de 140 mil contos na compra de arroz, base da alimentação do nosso povo.

Em segundo lugar, importamos produtos minerais: eles constituem quase 19 por cento do total das nossas importações. Este capítulo inclui produtos bastante diversificados, desde cimento a óleos combustíveis. Mas é para a compra de gasóleo e

gasolina, principalmente, que vão as nossas divisas.

O material de transporte fica em terceiro lugar na lista das nossas importações, correspondendo a 16 por cento do seu valor total. Lugar de destaque no nosso movimento de compras ao estrangeiro ocupam também as matérias têxteis: 12,5 por cento.

Se estas mercadorias são indispensáveis à nossa vida, já o mesmo não acontece com outras que figuram na gama das nossas compras ao estrangeiro. O Boletim do Comércio Externo revela-nos que durante o ano de 1975 gastámos mais dinheiro em whisky — 1 490 contos — do que em vacinas e antibióticos — 1 310 contos. Na compra de tabacos gastámos quase 23 mil contos, na de medicamentos menos de 13 mil.

VENDER AMENDOIM, COMPRAR ÓLEO

Se percorrermos o quadro das nossas exportações, depressa verificámos que elas praticamente se resumem aos produtos de origem vegetal: 83,4. Que produtos? Tal como sempre aconteceu desde que o colonialismo português fomentou a monocultura do amendoim no solo da Guiné-Bissau, este produto constitui a nossa única exportação com algum significado. A última colheita rendeu-nos cerca de 103 mil contos, que representam 66 por cento das nossas poucas exportações. Também como sempre aconteceu (e deixará de acontecer no dia em que tivermos a nossa fábrica de óleo de amendoim pronta a funcionar), é para Portugal que exportamos todo o nosso amendoim. Em compensação, foi à Suécia que comprámos o ano passado o óleo de amendoim de que necessitamos para cozinhar e que nos custou 560 contos. Mas Portugal continua a «devolver-nos» certos produtos fabricados naquele país à custa (em parte) da nossa matéria-prima, é o caso do sabão, que nos custou, durante um ano, à volta da 13 mil contos.

Aliás, Portugal continua a ocupar um lugar privilegiado nas nossas transacções comerciais. O que não espanta, pois não era num ano que iam modificar relações construídas em cinco séculos. Por isso, a nossa balança comercial com Portugal apresenta um saldo negativo da ordem dos 308 524 contos.

EUROPA ORIENTAL GANHA POSIÇÃO

No entanto, já se pode verificar, através do Boletim do Comércio Externo, uma tendência para a diversificação das nossas relações comerciais. O grosso das trocas comerciais em que o nosso país intervém continua a situar-se no quadro da Europa,

(Continua na págb. 8)

NO PINTCHA

Trisemanário do Comissariado de Informação e Turismo

Sai às terças, quintas e sábados

Serviço Informativo das Agências; AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade — 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

Um ano 400,00

Seis meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

Um ano 500,00

Seis meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINE-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «Central» Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

Primeira Esquadra — 3333

Segunda Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4

TAP — 3991/3

TAGB — 3004

Aeroflot — 3002

Air Argelie — 3775/7

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7h às 17h)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16h às 24h)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES: Das 6 às 8, das 12 às 15 e das 17 às 24 h.

NOTICIARIOS: As 7, 13h 15min, 17, 20h.

AGENDA DO DIA: As 18h 45min.

CINEMA

HOJE — As 18h 30min. «Almas a

«Nu», realização de Jean Chapot

com Alan Delon, Simone Signoret, Renato Salvatori, Catherine

Allegret, Paul Grachet, e Bernard

Le Coq, m/14 anos. — As 20h

45min. «O dia da violência», realização de Roger Corman com

Shelley Winters, Don Stroud, Pat

Hingle e Diane Varsi m/18

anos.

AMANHÃ — As 20h 45min. «O dia

da violência», realização de Roger

Corman com Shelley Winters, Don

Stroud, Pat Hingle e Diane

Varsi — m/18 anos.

RESPONDE O POVO

Que cinema temos? (2)

Na edição anterior, três estudantes do liceu deram sua opinião sobre os filmes que são projectados na cidade. Criticam os «Westerns» baratos, norte-americanos e italianos, os filmes japoneses de terceira qualidade e os enlatados feitos em série por prósperas indústrias cinematográficas. Em Bissau, foi esquecido o valor cultural do cinema como obra de arte, como meio de formação. Assistimos apenas a espectáculos que pregam a violência e a ideologia fascizante, produzidos por empresas interessadas em lucro fácil. O público dos nossos cinemas fala sobre isso.

Sábado Cardoso, 36 anos, modista. «Não tenho o hábito de ir ao cinema. Vou quando estou bem disposta, no máximo uma vez por mês porque a minha profissão não permite mais vezes. Gosto muito de filmes românticos e também os de «cow-boy». Um indivíduo só é bandido quando quer. Não é através dos filmes que vai aprender os vícios que eles possam trazer. Devemos ter uma certa mentalidade quando assistimos a um filme desse género para não chegarmos ao ponto de pensar que vamos para aprender a melhor forma de assaltar um banco, de fuzilar nossos companheiros. Mas, sim por uma questão de divertimento. Normalmente escolho os filmes pelos actores. Os que correm em Bissau são maus. Mas qual o remédio? Nosso

Estado não tem possibilidades de adquirir outros. Estou contente porque sei que esses filmes não me influenciavam em nada. Com certeza não correspondem ao que precisamos e também não são úteis ao País, principalmente para um como o nosso. Acho é que todos nós devemos nos conscientizar que esses filmes não são a única causa dos vícios que existem na nossa terra. Existem mais coisas, que agora não é oportuno mencionar.»

Mário Djassi, 28 anos, desempregado: «Quando estava empregado ia de vez em quando ao cinema no bairro de Cobornel. Não posso falar muito sobre isso porque agora quase não assisto filmes. Mas ouço muitos colegas dizerem que os que rece-

bemos não são grande coisa. Na época em que frequentava o cinema costumava ver só filmes históricos. Prefiro esses do que aqueles que só mostram violência.

Marcelino Có, 30 anos, carpinteiro: «Só vou ao cinema quando tenho dinheiro, uma duas vezes por mês. Isso porque, em geral, os filmes que se projectam por aqui não são grande coisa. Costumo ver filmes de amor e, às vezes, de karatê. Gosto deles por uma questão de divertimento. Mas, só no écran do cinema. Não acredito que um ser humano seja capaz de fazer todas aquelas manobras que se vêem nesses filmes. Isso é tudo falso. Tenho que estar contente porque são os únicos que podemos importar por hora. Sei que não são nada úteis para a nossa formação. E que os jovens não têm mentalidade para analisar concretamente um filme desses e ver que são extremamente alienantes. Mas também, se projectassem bons filmes, não sei qual seria a reacção do nosso povo. Talvez alguns reagissem bem, outros nem ligariam.»

Acordos de cooperação cultural com a URSS

Foram assinados, no Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desportos, vários acordos de cooperação, no domínio cultural, entre Cabo Verde e a URSS.

Os camaradas Carlos Reis, ministro de Educação e Semenov, embaixador da União Soviética no país irmão, assinaram em representação dos seus governos.

Foram assinados os documentos seguintes: acordo de cooperação cultural científico, programa de cooperação cultural e um protocolo sobre a equivalência dos documentos da instrução, dos graus e títulos científicos.

Depois das assinaturas, falaram os camaradas Carlos Reis e Semenov que referiram a importância de tais acordos para o desenvolvimento das relações entre os dois países, assim como a consolidação dos laços de amizade já existentes.

Assistiram ao acto vários funcionários do Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desportos, além de vários camaradas do Departamento da Cooperação e do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Entretanto, e para assinalar o primeiro aniversário do estabelecimento das relações diplomáticas entre Cabo Verde e a URSS, a embaixada daquele país promoveu a abertura duma exposição de fotografias, livros, selos e discos, designada: «URSS: o país e o povo».

Igualmente a empresa «Mejdunarodnaia Kniga», que é uma das empresas comerciais do Ministério do Exterior da URSS apresentou livros em francês, inglês e espanhol sobre assuntos políticos, económicos, científicos e técnicos e selos feitos na União Soviética.

Foi oferecido aos muitos convidados presentes um «cocktail» durante o qual se projectaram curtos filmes sobre cenas da vida soviética.

S. ANTAO

Cooperativa de Costura das Pombas

Reuniram-se na sede da Cooperativa de Costura das Pombas, em S. Antão, e sob a orientação do camarada Alfredo Gonçalves, as cooperantes da referida Cooperativa.

Estando igualmente presentes o camarada Armindo Cruz, delegado da Administração Interna do Concelho de Paúl, e o presidente do Comité Coordenador, foram analisados o balanço das contas da cooperativa e a atribuição dos salários às cooperantes.

Entretanto, dois membros da «Organização Tchuba» dos Estados Unidos, que se encontram de visita a Cabo Verde, estiveram na Cooperativa.

Esses dois membros fotografaram as confecções feitas pela Cooperativa e asseguraram às camaradas costureiras que estão a desenvolver grande esforços junto dos emigrantes residentes nos Estados Unidos, bem como junto da «Organização Tchuba» no sentido de conseguirem ajudas em máquinas, tecidos, linhas, botões, etc, para a referida Cooperativa.

S. VICENTE

Posse do juiz de direito

O ministro da Justiça, camarada David Hopfer Almada, deslocou-se a S. Vicente para conferir posses aos camaradas João Henrique Oliveira Barros, nomeado juiz de direito desta região judicial, e Jerónimo Cardoso da Silva, nomeado em ocasião de serviço para desempenhar as funções de conservador dos Registos desta mesma região.

Depois dos empossados terem prestado juramento, o Ministro da Justiça fez um discurso. Em seguida, o juiz empossado num improvisado agradeceu as palavras do ministro, tendo usado posteriormente da palavra o camarada Jerónimo Cardoso da Silva.

Por outro lado, chegaram a S. Vicente dois dirigentes da Cruz Vermelha dinamarquesa, que eram acompanhados do delegado da Liga Internacional da Cruz Vermelha de Cabo Verde, a fim de discutirem as modalidades de auxílio que a Cruz Vermelha Dinamarquesa poderá conceder à Sociedade Nacional de Cabo Verde.

Os dirigentes visitaram as ilhas de S. Antão e S. Tiago. Entretanto, no dia da chegada puderam assistir à sessão inaugural do curso de socorristas que a Cruz Vermelha de Cabo Verde levou a efeito, em colaboração com a Cruz Vermelha Espanhola e a Liga Internacional da Cruz Vermelha.

MINISTRO DA SAÚDE

Em visita de trabalho esteve nessa ilha o ministro de Saúde e Assuntos Sociais, camarada Manuel Faustino, a fim de efectuar contactos e análise à situação existente.

O ministro, no seu último dia de trabalhos, reuniu-se com as Comissões Sociais e com os Comités Sociais da ilha.

SINDICATOS DE S. VICENTE

Reuniram-se em S. Vicente, a delegação da Comissão Organizadora dos Sindicatos Caboverdianos desta área e os trabalhadores das Obras Públicas, nas frentes da Ribeirinha e Monte Sossego.

Oswaldo Lopes da Silva visitou S. Nicolau

Regressou à cidade da Praia o camarada Oswaldo Lopes da Silva, ministro da Economia de Cabo Verde, que durante alguns dias esteve em S. Nicolau em visita de trabalho.

O camarada Oswaldo Lopes da Silva, que foi acompanhado do director da Empresa Pública de Abastecimentos (EMPA) e do delegado da referida empresa em S. Vicente, inteirou-se durante a sua estadia naquela ilha, do funcionamento da empresa e dirigiu os trabalhos destinados a montar as estruturas duma sub-delegação.

Ainda em S. Nicolau, o ministro da Economia reuniu-se com o delegado da Administração Interna, com a Direcção Regional do Partido e elementos da EMPA, tendo sido tratados vários problemas inerentes àquela empresa.

Entretanto, acompanhado do responsável político da ilha, do secretário administrativo e responsáveis da EMPA, o camarada Oswaldo Lopes da Silva deslocou-se ao Tarrafal, tendo visitado os

armazéns da empresa, a fábrica de conservas e o cais em construção.

Recebeu, ainda elementos da população na sede do Partido e visitou as obras em construção na Água dos Anjos, os trabalhos agrícolas na Margosa e o projecto de criação de gado nas instalações do Caleijão.

Ligaçao marítima

E. U. A. - Açores - Cabo Verde

Foi constituída na cidade de Fall River, nos Estados Unidos, uma empresa de navegação, denominada «Portuguese Overseas Shipping Lines», que se destina a assegurar as ligações marítimas entre os Estados Unidos e o Canadá e os arquipélagos dos Açores e de Cabo Verde. A empresa, que é de propriedade de vários açorianos, conta com três navios: «Amaryllis», «Vilaa» e «Elsie».



Amílcar Cabral

A Política de "Assimilação"

[...] «Claro que poucos filhos da nossa terra tinham essas possibilidades. Sabemos até que algumas vezes, alguns conseguiam o seu bilhete de identidade por meio da ajuda de outros, ou então por causa de muito esforço, mas que um administrador ou chefe de posto qualquer podia pegar nele um dia, rasgá-lo na cara do portador e castigá-lo com palmatórias, bofetadas, trabalho forçado. O tuga tinha necessidade de criar o que se chama um ciclo vicioso, para poder limitar o número de assimilados. Por isso mesmo é que durante quinhentos anos de presença dos tugas, e 100 anos de colonialismo, desde o momento em que começaram a ocupar colonialmente a nossa terra, em fins do século passado, até à altura do começo da nossa luta, o número de assimilados da nossa terra não passou de três mil, cerca de 0,3% da população na nossa terra, na Guiné.

Portanto, vemos como é que os tugas souberam de facto defender-se, para o número de assimilados não crescer muito. Deram a alguns filhos da nossa terra certas posições. Sabemos que houve alguns chefes de posto, vários mesmo, da Guiné, empregados com alguma posição, outros que procuram subir custe o que custar, mesmo vendendo a sua família se fosse necessário, e que alguns desses patrícios ligaram-se de facto aos tugas. Os tugas convenceram-se de que assim — ainda por cima com a presença de caboverdianos em diversos empregos, particularmente na administração — podiam garantir seguramente que a Guiné seria sempre dominada.

Em Cabo Verde, os tugas também procuraram garantir a sua dominação. Por um lado, ligaram os donos da terra ao governo colonial, os principais donos da terra, alguns dos quais eram caboverdianos e outros, tugas. Em segundo lugar, dando bons lugares a alguns caboverdianos no funcionalismo — administração e outros trabalhos.

A história de Cabo Verde começou de verdade a partir da escravatura. Se pensarmos bem, se estudarmos bem o problema, vemos que os caboverdianos não são de Cabo Verde. Se recuarmos muito (talvez alguns caboverdianos não tenham compreendido isso bem) mas se recuarmos até 1620, por exemplo, 1500 e tal, 1460, vemos que Cabo Verde não tinha ninguém. Podia ser, por exemplo, que os Suecos, nas suas viagens marítimas, se tivessem fixado lá. Hoje Cabo Verde seria uma terra com gente de origem sueca. Aconteceu porém, que os portugueses chegaram lá primeiro, mas não ocuparam tudo eles mesmos. Arranjaram escravos de África, principalmente da Guiné, e puseram lá esses escravos. Hoje são esses os caboverdianos, descendentes de escravos africanos e de portugueses, os quais têm todo o direito à sua terra, porque eles é que a fizeram com o suor do seu trabalho, embora sob a dominação dos tugas.

Mas temos que entender bem porque é que a situação era diferente em Cabo Verde. É porque Cabo Verde não foi uma terra conquistada como a Guiné, ou como Angola e Moçambique. Nestas colónias os tugas tiveram que criar imediatamente, uma situação para garantir que aqueles nativos contra os quais fizeram a guerra, nunca mais se levantariam, e dividiram o povo em indígenas e assimilados. Em Cabo Verde não era preciso, as pessoas não eram de lá, não tinham vida organizada nas ilhas. Fizeram delas a sua terra, reproduziram-se, até dar a população de Cabo Verde. Os tugas adoptaram, portanto, uma outra política: todos são cidadãos. Aliás, como hoje, passado algum tempo depois do começo da luta, resolveram que toda a gente na Guiné também é cidadão. Essa é uma conquista da nossa luta, embora nós agradeçamos aos portugueses, porque nós não estamos a lutar para sermos cidadãos portugueses, estamos a lutar para sermos cidadãos da nossa própria terra.

O camarada Francisco Mendes, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta do P.A.I.G.C. e Comissário Principal do Conselho dos Comissários do nosso país, escreveu recentemente um artigo intitulado «Nova Etapa da Luta», para a «Revista Internacional». Revista teórica e informativa sobre problemas da paz e do socialismo.

Pela sua importância e actualidade, transcrevemos o artigo do camarada Francisco Mendes:

«Em breve festejamos o terceiro aniversário da proclamação pelo nosso povo da República da Guiné-Bissau, após numerosos anos de luta política e armada sob a direcção do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Este acontecimento coroou dignamente o combate tenaz e consequente que os melhores filhos do nosso povo travaram durante longos anos, sob a orientação de Amílcar Cabral.

A República nasceu no dia 24 de Setembro de 1973. Desde então, foi reconhecida por quase todos os Estados do mundo, aderiu à ONU e a todos os seus organismos. A proclamação da República da Guiné-Bissau e o seu reconhecimento internacional aceleraram o processo revolucionário em Portugal, que abriu aos povos das outras colónias portuguesas a perspectiva da independência nacional.

No decorrer dos primeiros meses que se seguiram ao estabelecimento do controlo do país, o essencial para nós compreender essa nova realidade. Mas essa realidade era complexa. A guerra, que durara 11 anos, tinha acabado. Ela destruíra completamente as bases, já débeis, da vida económica. A política demagógica do último governador colonial português acentuou o divórcio entre diversos grupos do povo: entre os que viviam nas cidades controladas pelos colonialistas, aqueles que se encontravam amontoados nas «aldeias estratégicas», verdadeiros campos de concentração, e os que viviam nas regiões libertadas.

É preciso notar que a retirada das tropas portuguesas (após a proclamação da República já não se tratava de tropas coloniais, mas de forças de ocupação) e a dissolução do aparelho colonial não provocaram qualquer perturbação. A nossa primeira tarefa, paralelamente à criação de uma

nova administração, consistia em fazer com que os habitantes das «aldeias estratégicas» voltassem para as suas regiões de origem e isso conseguimos. Por outro lado, conseguimos também organizar o regresso ao campo de uma parte da população urbana, que se tinha fortemente desenvolvido durante a guerra, sobretudo em Bissau. Enfim, aqueles que tinham emigrado para os países vizinhos regressaram ao país.

Liquidámos inteiramente a estrutura administrativa colonial. Os seus antigos funcionários e a sua experiência estão a ser utilizados no novo aparelho, mas não em postos de direcção.

Para criar a nova estrutura administrativa, tomámos como base a estrutura já existente nas regiões libertadas, dado que ela é adaptada às nossas realidades e é resultante de uma longa experiência prática. Mas existe efectivamente uma diferença entre as tarefas da administração que funcionava nas regiões libertadas durante a guerra anti-colonial e as da administração de um país independente.

O governo da República — o Conselho dos Comissários de Estado — está subordinado à Assembleia Nacional Popular. O país está dividido em oito regiões administrativas: Os direitos legislativos a este nível pertencem aos conselhos regionais, que têm nomeadamente por função controlar a execução das decisões tomadas pela Assembleia Nacional Popular. O organismo regional do poder executivo é o Comité de Estado, dirigido por um presidente, subordinado ao governo e responsável perante o Partido. As regiões estão divididas em sectores, cujos organismos de direcção têm estrutura análoga.

«Durante a luta de libertação, cada região era praticamente autónoma, agia de maneira independente, de acordo com a li-

nha geral do Partido. Continua válida a tarefa — o que aliás está a ser realizado — de dotar as regiões de uma mais ampla autonomia, aumentar a responsabilidade dos seus dirigentes no desenvolvimento da economia dos serviços sociais, etc. sempre no quadro da linha geral do Partido e do governo.

A situação da nossa economia nacional é grave. O pequeno potencial económico de que dispunha o país era utilizado pelos colonialistas portugueses unicamente na guerra colonial estava sobretudo submetido às necessidades da mesma, sobretudo em Bissau. É preciso dizer que a guerra dava trabalho a muitas pessoas, empregadas na reparação de navios e armamentos, na construção de estradas estratégicas e campos de concentração. Hoje em dia, nada disso tem utilidade, bem como tudo o que estava ligado aos serviços destinados às tropas coloniais. Após a sua partida, o desemprego aumentou bruscamente, tendo-se depois parcialmente reduzido graças ao campo de um grande número de pessoas que, durante a guerra, tinham ido viver para Bissau. O governo ajuda essas pessoas a reinstalarem-se nas suas terras, fornecendo-lhes gratuitamente sementes de arroz, amendoim e outros tipos de ajuda.

A agricultura é o principal ramo económico do país. Não temos praticamente indústria. O nosso objectivo no domínio económico é atingir o nível de antes da guerra na produção agrícola, satisfazer as necessidades da população em produtos alimentares, deixar de estar dependentes das importações, sobretudo de arroz — base alimentar do nosso povo. Para o conseguirmos, desenvolvemos uma campanha de intensificação da agricultura, de assimilação de novos métodos progressistas na agricultura. Tomam-se medidas no sentido de transformar localmente os produtos agrícolas destinados à alimentação e à exportação e de acabar nomeadamente com a sua exportação sob a forma de matérias-primas. Também neste domínio, desejamos atingir o má-



ximo de descentralização (no período colonial, a economia estava essencialmente concentrada nas cidades).

A política actual prossegue a linha elaborada ao longo da guerra anti-colonial. Nesse momento, a nossa palavra de ordem era: começar a libertação pelo campo. Hoje é: realizar o desenvolvimento começando pelo campo.

Assim, a linha do Partido e do governo consiste numa descentralização e num desenvolvimento harmonioso. É preciso evitar o divórcio entre a cidade e o campo e o êxodo da população do campo para a cidade. O governo quer compensar assim os camponeses, que representam a camada mais explorada no período colonial e a principal força na luta de libertação.

Uma das medidas imediatas do nosso governo foi o estabelecimento do monopólio de Estado sobre a importação dos artigos de primeira necessidade (por exemplo, arroz, óleo vegetal) e a organização da sua distribuição através dos Armazéns do Povo. Esta medida foi considerada necessária em virtude de, imediatamente após a instalação do poder popular, os comerciantes privados se terem entregado abertamente à sabotagem. Negavam possuir arroz, enquanto na verdade o tinham escondido, agravando deste modo as dificuldades de abastecimento. «Queriam liberdade? Pois bem, agora comam liberdade», diziam eles para tentar provocar o descontentamento da população.

Hoje os Armazéns do Povo são uma organização centralizada, que tem a seu cargo todas as importações. A venda é feita essencialmente através dos Armazéns do Povo locais, sendo todavia uma parte dos produtos importados reservada aos comerciantes privados, a fim de manter um equilíbrio entre os comércios de Estado e privado.

No período colonial, o país era praticamente controlado pela casa Goveia, filial da grande monopolista portuguesa CUF. Agora pôs-se termo a essa dominação. Muito recentemente, a parte comercial da firma foi nacionalizada. A casa Gouveia possuía igualmente empresas industriais que produziam óleo vegetal, sabão e outros artigos. Para que estas empresas possam continuar a ser exploradas, criaram-se companhias mistas. Por outro lado, existe em Bissau uma fábrica de cervejas e de bebidas não alcoólicas, construída para abastecer o exército colonial. Actualmente produz 5 milhões de litros por ano, utilizando apenas um terço das suas capacidades. Esta fábrica é a única empresa industrial moderna do país. Está prevista a criação de uma sociedade mista para a gerir.

Francisco Mendes

„Querer seja sen



O governo está a elaborar um grande número de projectos de desenvolvimento industrial. Prevê-se nomeadamente a construção de uma fábrica de tijolos e telhas, uma fábrica de pavimentos, empresas de produção de sumos de frutos, de transformação da cana-de-açúcar (60 000 toneladas de açúcar por ano). Decidiu-se criar um fundo de desenvolvimento da indústria mineira. Neste campo, o princípio a seguir será igualmente uma descentralização indispensável para evitar que a indústria se concentre somente em Bissau. Além disso, tomam-se medidas no sentido de desenvolver a pesca. Este projecto foi confiado à companhia Estrela do Mar, criada em cooperação com a União Soviética.

Quanto à situação no domínio social, foi sobretudo neste campo que os colonialistas portugueses se serviram da demagogia, ainda mais do que na política, tentando opor-se à campanha in-



à "Revista Internacional"

mos que o nosso povo hor do seu país"



ternacional desenvolvida pelo PAIGC. Os colonialistas portugueses afirmavam que a Guiné-Bissau prosperava sob o seu governo. É certo que criaram algumas escolas e postos sanitários, mas de nível extremamente baixo. Nas escolas, essa deficiência começava em primeiro lugar pelos professores. Assim, no liceu de Bissau, o ensino estava essencialmente entregue aos oficiais do exército colonial ou às suas mulheres. Sem competência nem desejo de ensinar, trabalhavam unicamente para ganhar dinheiro. Não se interessavam absolutamente nada pelo nível de conhecimento dos seus alunos. Nos hospitais, que também só se encontravam em Bissau, os médicos eram exclusivamente militares.

Nas condições da independência, é necessário elevar o nível da instrução e da saúde pública, descentralizando os estabelecimentos.

Já abrimos liceus em três re-



giões e prevemos a sua abertura em todas. Procedemos à reciclagem tanto dos professores que anteriormente trabalhavam nas regiões libertadas, como dos que ensinavam nas escolas portuguesas. No domínio da educação, estabelecemos uma estreita cooperação com Cuba.

Depois da retirada do exército português, ficaram apenas dois médicos em Bissau (no tempo do colonialismo, na cidade, só havia dois médicos civis). Contudo, nas regiões libertadas havia mais médicos do que os que tinham os portugueses. O nosso pessoal médico formou-se quer nos países socialistas, quer na Guiné, com a ajuda de especialistas de Cuba, da União Soviética e da Jugoslávia. Havia igualmente cursos de enfermagem. Hoje o objectivo é criar hospitais e postos sanitários em todas as regiões.

Neste momento, a mais grave dificuldade da República no domínio da instrução e da saúde pública é a carência de meios financeiros.

Quero salientar particularmente que a política do Partido e do governo se baseia nos princípios estabelecidos durante os anos de guerra anticolonial e comprovados pela experiência nas regiões libertadas. O primeiro destes princípios, como já disse, é a descentralização da administração e da economia, a criação de um equilíbrio entre a cidade e o campo. O segundo é a participação activa da população nas tarefas estabelecidas pelo Partido e pelo governo. É necessário que as massas compreendam a nossa política e a realizem enérgica e eficazmente. Ain-

da um princípio cuja justeza foi igualmente confirmada pela guerra de libertação: nunca esconder ao povo as dificuldades existentes. (Por exemplo, durante 3 ou 4 meses, o governo encontrou-se na impossibilidade de pagar os salários aos funcionários; não tínhamos dinheiro, e dissemo-lo francamente nas nossas reuniões.)

Uma nova e maior responsabilidade recai agora sobre o PAIGC. Apesar de o Partido estar no poder, a sua estrutura, como movimento de libertação nacional de massas, não mudou. Isso explica-se pelo facto de a direcção do PAIGC se esforçar por manter o dinamismo das massas na nova etapa da luta, por consolidar os laços estreitos entre o governo e o povo. E o Partido é considerado no nosso país como o movimento de todo o povo; as pessoas habituaram-se a identificar-se com ele. Com efeito, sempre assim foi: o Partido combate o colonialismo e portanto todos os identificamos com o Partido.

Aquele que não estiver no Partido é um agente do colonialismo. As massas ainda não estão preparadas para aceitarem a ideia de um partido de vanguarda, numericamente mais restrito.

É preciso realizar um longo trabalho de educação das massas, para que elas compreendam o que é um partido no verdadeiro sentido da palavra. No decurso da revolução, esta ideia revelar-se-á mais claramente, tornar-se-á compreensível.

A nossa Constituição estipula: «O Estado foi criado pelo Partido». Antes da proclamação da República, o Partido travava a guerra anticolonial, dirigindo simultaneamente as regiões libertadas. Com o tempo, o Partido começou a conceder mais autonomia à administração. Foi assim que gradualmente se formou o nosso Estado. Hoje, o Estado é o instrumento do Partido na construção de uma vida nova.

Presentemente, há uma nítida delimitação entre as funções do Partido e as do Estado. Mas o Partido controla tudo, tem a última palavra a dizer, é a força dirigente suprema da nossa sociedade.

Durante o ano de 1976, o papel do Partido deverá reforçar-se, os comités do Partido já existentes deverão consolidar-se e

A "Revista Internacional"

A Revista Internacional é uma prestigiosa publicação editada em vários idiomas, entre os quais o português. Com sede em Praga, na Checoslováquia, trata-se de uma revista teórica e informativa dos Partidos Comunistas e Operários de todo o mundo.

Fazem parte do colégio e do conselho de redacção da Revista Internacional representantes dos Partidos Comunistas e Operários dos seguintes países: Argélia, Argentina, Áustria, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Colômbia, Checoslováquia, Chile, Chipre, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Honduras, Hungria, Índia, Indonésia, Irão, Iraque, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Jordânia, Líbano, Luxemburgo, México, Mongólia, Panamá, Paraguai, Peru, Polónia, Portugal, RDA, RFA, RSA, Roménia, Senegal, Síria, Sudão, Suécia, URSS, Uruguai e Venezuela.

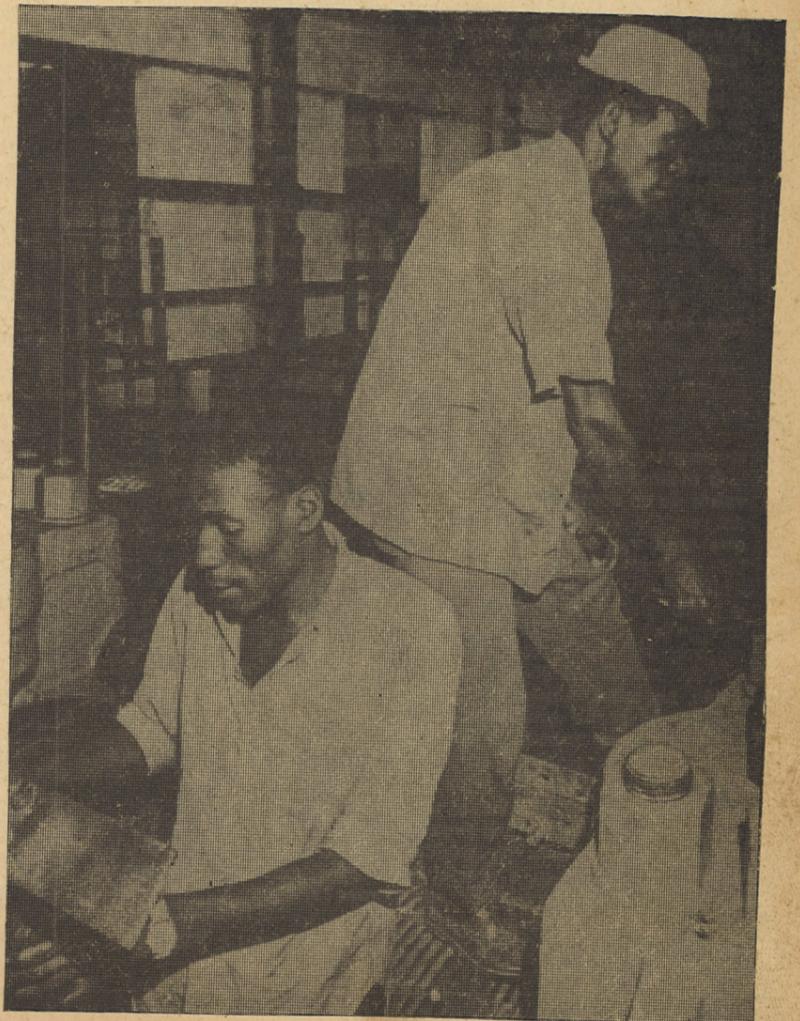
criar-se-ão novos comités em todas as regiões.

O PAIGC tornou-se o Partido dirigente de dois Estados independentes: a República da Guiné-Bissau e a República de Cabo Verde. O PAIGC é o cimento que as liga. A Guiné-Bissau e Cabo Verde são dirigidas pelas suas Assembleias Nacionais Populares. Prevê-se a criação de uma assembleia suprema dos povos da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, como órgão legislativo da união das duas repúblicas. Actualmente, a actividade é coordenada e organizam-se consultas em certas esferas da direcção da economia e dos assuntos sociais. Esforçamo-nos por fazer com que as economias das duas repúblicas se completem uma à outra, por evitar a criação de produções análogas, isto é, diligenciamos no sentido de lançar as bases de uma cooperação verdadeiramente frutífera e de uma futura aliança dos dois Estados.

Salientando o papel da solidariedade e de cooperação internacional na etapa actual do desenvolvimento do nosso país, dese-

jaría, para terminar, retomar uma passagem da nossa intervenção no XXV Congresso do PCUS: «Durante a longa e difícil guerra contra a dominação colonial portuguesa, pudemos apreciar os nobres sentimentos internacionalistas do povo soviético. Hoje, na nossa luta pelo desenvolvimento do nosso país, a União Soviética e o seu Partido, o PCUS, continuam a ser nossos aliados fiéis. A sua solidariedade é para nós mais importante do que nunca na construção de uma vida nova, do progresso e da paz na nossa terra».

Construámos uma sociedade nova, onde, como disse recentemente o presidente do Conselho de Estado, Luiz Cabral, o nosso povo não será explorado nem pelos brancos nem pelos negros, porque a exploração não tem cor, e sabemos que há negros que desejariam ocupar o lugar deixado pelos colonialistas portugueses. Queremos criar um Estado progressista e poderoso, com uma economia nacional forte. Queremos que o nosso povo seja senhor do seu país».





XXI JOGOS OLÍMPICOS

Entraram na segunda semana os Jogos Olímpicos de Montreal. Depois das provas de natação, as competições de atletismo estão na ordem do dia. Os atletas da União Soviética, da RDA, e dos Estados Unidos continuam a evidenciar-se, obtendo grande número de medalhas. Nos 10 mil metros, o português Carlos Lopes obteve a segunda medalha de prata para o seu país.

Eis os resultados:

Pentlato moderno feminino: medalha de ouro: Sigrund Stigl (RDA), prata: Crista Laser (RDA), bronze: Burgeline Pol-

AS COMPETIÇÕES ENTRAM NA SEGUNDA SEMANA

lack (RDA).

— *Dardo*: medalha de ouro — Miklos Nemeth (Hungria) com 94 metros e 58 (novo recorde do mundo). O antigo pertencia ao mesmo Nemeth e era de 94 metros e 8 prata: Hannu Sitonen (Finlândia), com 87 metros e 92; bronze Gheorghe Mezela (Roménia) com 87 metros e 16.

— *200 metros masculinos*: medalha de ouro: Don Quarrie (Jamaica) com 20 segundos e 23 décimos, prata: Milljrd Hampton (EUA) com 20 segundos e 29 décimos, bronze: Dwayne Evans (EUA) com 20 segundos e 43 décimos.

— *10 mil metros masculinos*: medalha de ouro: Lasse Viren (Finlândia) com 27 minutos 40 segundos e 4 décimos, prata: Carlos Lopes (Portugal) com 27 minutos 45 segundos e 17 décimos, bronze: Brendan Foster (Grã-Bretanha).

— *800 metros femininos*: me-

dalha de ouro: Tatiana Kazankina (URSS) com 1 minuto 54 segundos e 94 décimos (novo recorde do mundo). O antigo recorde estava na posse de Valentina Gerasimova (URSS) com 1 minuto e 56 segundos, medalha de prata: Nicolina Chtereva (Bulgária), com o tempo de 1 minuto 55 segundos e 42 décimos, medalha de bronze: Elfi Zinn (Grã-Bretanha) com 1 minuto 55 segundos e 74 décimos.

— *Vara masculinos*: medalha de ouro: Tadeusz Slusarski (Polónia) com cinco metros e 50 centímetros, prata: Dave Roberts (EUA), bronze: Antti Kallimaki (Finlândia).

— *Ciclismo na estrada*: medalha de ouro: Bertn Johansson (Suécia) 175 quilómetros em quatro horas 46 minutos e cinco segundos, medalha de prata: Giuseppe Martinelli (Itália) bronze: V. Novicky (Polónia).

— *Halterofilismo*: pesados, medalha de ouro: Valentin Khrystov (Bulgária) com um total de 400 quilos, medalha de prata: Yuri Zatsev (URSS) com 385 quilos, bronze: Krasko Semerdjiev (Bulgária) com 385 quilos.

— *Judo*: medalha de ouro nos pesados. Serguei Novikov (URSS), prata: Gunter Neureuther (RFA), bronze: Sumio Endo (Japão).

— *Basquete feminino*: medalha de ouro URSS, prata EUA, bronze Bulgária:

BASQUETE MASCULINO

A URSS campeã olímpica em 1972 em Munique depois de ter batido os Estados Unidos detentor do título, foi batida em Montreal nas meias-finais do torneio de basquete masculino frente à Jugoslávia, campeã da Europa, vitoriosa por 89 pontos contra 84 da URSS. No intervalo as duas equipas empatavam 42/42.

A Jugoslávia defrontará na final o vencedor do desafio EUA-Canadá.

QUADRO DAS MEDALHAS

A URSS continua nitidamente à cabeça no quadro das medalhas, com o total de 73 medalhas (27 de ouro, 26 de prata, 20 de bronze) depois das competições da jornada de segunda-feira. A RDA, que ocupa o segundo lugar, na totalidade possui 58 (27 de ouro, 17 de prata, 14 de bronze). Os EUA estão em terceiro, com 61 (21 de ouro, 23 de prata e 17 de bronze). Vêm em seguida, por ordem: RFA 22 (6-6-10), Bulgária 18 (5-7-6), Polónia 11 (4-2-5), Hungria 9 (4-1-4), Roménia 14 (3-5-6), Japão 14 (3-4-7), Finlândia 5 (3-2-0), Grã-Bretanha 7 (2-2-3), 7 (1-4-2), Jamaica 2 (1-1-0), Checoslováquia 7 (2-2-3), Itália Suécia 2 (1-1-0), Jugoslávia 2 (1-1-0), México (1 de ouro), Noruega (1-1-0), Trinidad (1 de ouro), Cuba (1 de ouro), e diversos outros países.

A final da Taça da Guiné-Bissau "Garândi i garândi só!"

Final da Taça da Guiné-Bissau. O vencedor estará presente na Taça Africana dos Vencedores das Taças. Entrada para o jogo de «borla», portões que se mantiveram fechados, público que trepou o muro para não perder o primeiro toque na bola, uma torre de iluminação que não funcionou deixando na penumbra uma parte do terreno do jogo.

Na quarta-feira passada, à noite, muito para além da hora prevista começou o jogo. Estádio «Lino Correia» estava repleto, a bancada não podia conter toda a assistência, o peão encheu-se, veio a chuva, abriram-se os guarda-chuvas. Outro facto insólito, não houve policiamento, tudo decorreu ordeiramente.

De quando em quando, parte do público virava-se para um lado bruscamente: dois rivais que chegaram à violência, serenaram os ânimos, Farim que veio inexperiente e jovem do norte acabou por perder: «Garândi i garândi só!»

«Dedico a nossa vitória a todos os sportinguistas!» Disse Armando Manhica (115), capitão de equipa do Sporting de Bissau no final do jogo. Camisola com riscas verdes e brancas colada no corpo, braçadeira vermelha de capitão, sentado num banco do discreto balneário do clube, acabou de receber das mãos de Nino Vieira a primeira Taça da Guiné-Bissau. Deu uma volta de honra pelo estádio, recebeu abraços dos adeptos e falou:

Agradeço a oportunidade de poder falar ao jornal da nossa terra. Sobre a nossa vitória, tem para mim um grande significado, na medida em que pela primeira vez a Guiné-Bissau vai participar na Taça Africana dos Vencedores das Taças, que nós iremos representar com toda a honra.

No campeonato, fomos infelizes. A Udib ganhou como nós podíamos ter ganho. Mas ganhamos com mérito a final desta noite. Fomos mais objectivos, visamos sempre a baliza, mas nunca cometemos o erro de substituir o nosso adversário, Farim, cuja derrota foi em parte motivada pela juventude da sua equipa. Foi um digno adversário.»

Manhica teve um gesto muito «cristão», no final, quando se ajoelhou frente a Romão Morgado rogando-lhe que não expulsasse João Sá. Opinião dele: «O árbitro estragou o jogo, não teve a personalidade suficiente de controlar a partida».

Quanto à ausência de Quinzinho, titular do Sporting e da selecção nacional, e quem foi o melhor em campo?

«Acho que o melhor jogador em campo foi, como sempre, Adriano e, depois dele, o guarda-redes Ocante que nos fez esquecer Quinzinho por completo».

Mário Aureliano, treinador da selecção nacional e do Sporting que venceu a última «Taça da Guiné» dos tempos coloniais, ganhou agora, para a sua equipa, a primeira Taça da Guiné-Bissau livre.

O meu objectivo era a Taça dos Clubes Campeões de África, mas quem acabou por ganhar o campeonato foi a Udib. Incentivei os meus rapazes, falei que tínhamos de ganhar a Taça, nós contávamos com a Taça e a Udib com o campeonato. Agora resta-nos trabalhar para enfrentarmos os jogos internacionais. Com a experiência que tenho dos jogos com os países vizinhos, acho que temos muitas possibilidades de fazer uma bela figura em África.

Dado as características dos jogos de final de taça, aconselhei os meus jogadores a jogarem em profundidade para contrariar o jogo sempre rente ao solo que é característico de Farim. Na primeira parte jogamos «taco-a-taco» e ambas as partes mereciam um golo. Na segunda, mudamos o sistema

de jogo, impondo a nossa maior capacidade física e Farim não aguentou. Depois do Rodolfo ter aberto o activo, começaram a surgir os golos. Acho que o golo de Manhica foi anulado injustamente. Quanto ao do Frankim, foi um pontapé bem desferido, mas não chegou a entrar, bateu no poste e saiu para fora. Não restam dúvidas que não chegou a entrar.

No final da partida, a opinião do capitão da equipa derrotada, Esperança Adão: «O jogo começou muito bem da nossa parte. Soubemos criar momentos difíceis aos defensores sportinguistas nos primeiros 45 minutos. Na segunda parte, devida a nossa inferioridade física, não conseguimos conter a violência com que o Sporting se arremeteu. Chegaram mesmo a exagerar em dureza.

Pequenos anúncios

AVISO

Nos termos do n.º 1 do art.º 368º do Código do Registo Civil, faz-se saber que Braima Sequi, casado, motorista, de 29 anos de idade, natural de Bissau, residente no Bairro de Cupelon de Baixo, n.º100-D, filho de Seco Sequi e de Bedja Sequi requereu a alteração do seu nome fixado no assento de nascimento para **Braima Seck**.

São por isso convidados todos os interessados incertos, a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de trinta dias a contar da data da publicação deste aviso.

PRECISA-SE

Um mecânico para Capé, com bom conhecimento Diesel e gasolina. Oferece-se bom vencimento, moradia e outras regalias. Tratar na Rua de Moçambique, n.º 5 ou pelo telefone 2592 das 13 às 15 ou das 20 às 22h.

AVISO

Nos termos do n.º 1 do art.º 368º do Código do Registo Civil, faz-se saber que Armando Fernandes Rodrigues Abubana casado, de 28 anos de idade, funcionário de emissora nacional, natural de Pecixe, filho de Luis Fernandes Rodrigues Abubana e de Amália Té, residente no bairro de Cobornel n.º 7 requereu a alteração da composição do seu nome e do seu pai, fixados no assento de nascimento para **Armando Luis Abubana e Luis Abubana**, respectivamente.

AVISO

A firma comercial **Barbosa e Comandita**, dá a conhecer ao público que por se encontrar em transição com o Estado quanto à sua actiuidade vai cessar, estar.

AGRADECIMENTO

Pais, irmão, avô e tio, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas amigos e conhecidas que os acompanharam na morte de Paulo Jorge Ortet Costa.

DOS LEITORES

VIVER SEM COMER?

«Sou uma das inúmeras pessoas que não consegue viver sem comer.

Por não haver ainda na Guiné-Bissau pastilhas que substituam a alimentação tradicional, tenho que me socorrer do tipo de comida que já os meus avós utilizavam: carne, peixe, ovos. Mas chego à conclusão de que terei de prescindir destes «luxos». Como ainda não sei, esta carta é mais do que um protesto: é um apelo. Os que já aprenderam a prescindir das proteínas, vitaminas, sais e demais ninharias que o meu organismo exige furiosamente para aguentar o trabalho de cada dia, digam-me, por favor, como é que lá chegaram. Resposta urgente.

Os felizardos que ao chegarem a casa para almoçar ou jantar encontram já sobre a mesa o bife ou o prato de peixe fumegante pensarão que estou a fazer literatura. Mas aqueles que têm que lutar pela vida, ou seja, pela aquisição do dito bife ou do dito peixe, com certeza me compreendem. Como eu, muita gente perde diariamente a sua juventude nas intermináveis «bichas» dos mercados municipais para conseguir «ganhar» a refeição do dia. Como eu, muita gente, depois de gastar horas a implorar ao comerciante que lhe venda um quilo de carne, volta para casa de mãos vazias. Nessa altura, se tiver dinheiro que chegue, só lhes resta ir ao supermercado e comprar uma lata de conserva. Arriscando-se a ficar transformado, ao fim de um mês deste regime, num chouriço — teso, ainda por cima.

Já tenho ouvido dizer, que a Guiné-Bissau é um país de inesgotáveis recursos piscatórios. Afirmam esses entendidos que, se oferecéssemos as nossas águas a metade do mundo, ainda nos sobrava peixe para deitar fora. Eu pergunto: se temos peixe em excesso, por que motivo se formam todos os dias enormes aglomerações de mulheres na peixaria do mercado, suplicando pelo menos uma posta de corvina? Já me têm respondido: é que vai toda a gente à mesma hora e mentira. Desde as primeiras horas da manhã, quando o mercado abre, até cerca do meio-dia, as pessoas amontoam-se junto à venda do peixe. Por volta de uma hora da tarde, efectivamente, não há ninguém — mas também não há peixe.

O mesmo se passa no local de venda da carne. Com a agravante de os comerciantes — ou empregados terem o desprazer de recusar vender pequenas quantidades de carne. Mais do que uma vez me aconteceu pedir meio quilo de carne para bife e o homem recusou-se a vender-me, alegando que não tinha, enquanto ao meu lado, ia aviando porções de dois, três e cinco quilos. Quando concedi que estava disposta a levar um quilo, então, por milagre, já havia bife. Penso que os empregados têm pressa em despachar-se cedo e o resultado é este: metade das pessoas interessadas não são atendidas. Aliás, no talho, ainda não percebi qual era o critério de atribuição de carne aos clientes. Não há «bichas» nem autoridade que as imponha. Há pessoas que esperam meia hora de barriga encostada ao balcão, enquanto outras, cá atrás, mal levantam o braço, são logo atendidas.

Um dia perguntei a um vendedor se, para comprar carne, era necessário um requerimento em papel selado. «Papel selado não; basta ter paciência». Como a minha paciência começa a esgotar-se e o apetite ameaça continuar, pergunto a quem souber: como viver sem comer?»

FATIMA PEREIRA

HAVANA (TASS) — Uma recolha de versos de Agostinho Neto apareceu em Cuba no quadro da visita oficial que efectua a Cuba o Presidente da República Popular de Angola. Os versos e os poemas foram compostos por Agostinho Neto durante o período de colonização de Angola pelo regime reacionário português. O autor traduz a dor do povo angolano, o seu protesto contra a exploração e opressão e apela à luta.

Execuções na Etiópia

ADDIS-ABEBA (AFP) — O Conselho Administrativo Militar Provisório da Etiópia anunciou a execução de dois oficiais que tentaram organizar um conluio nas fileiras do exército. O tenente-coronel Berhan Haile e o tenente Haile-Mariam Hassan da divisão de infantaria estacionada na província de Eritreia, foram fuzilados pelas suas actividades contra-revolucionárias. A declaração do Derg constatou que os cónjuros estavam ligados ao general de brigada Getachou Nadeu comandante das tropas nessa província, chefe do conluio antigovernamental recentemente desmascarado.

Libéria: 129 anos

MONRÓVIA (AFP) — Durante um discurso pronunciado por ocasião do 129.º aniversário da independência da Libéria, o Presidente Tolbert pôs os liberianos em guarda contra o tribalismo que, segundo ele, é um crime, porque tende a dividir o povo liberiano.

O chefe de Estado liberiano lançou um apelo a todos os liberianos para que apliquem os valores e os princípios legados pelos seus antepassados para construir uma «nação forte e livre». Ele declarou finalmente a propósito dos assuntos mundiais que as nações em vias de desenvolvimento devem continuar vigilantes face às provocações crescentes, à fim de proteger a sua soberania.

Lansana Beavogui, Primeiro-Ministro da República da Guiné, que assistiu às cerimónias, leu uma mensagem de felicitações do Presidente Sekou Touré.

Morreu ministro chinês

HONG-KONG (AFP) — Hsu Chin-Chiang, ministro chinês da Indústria Huiheira morreu em Pequim com a idade de 61 anos, noticiou a rádio Pekin captada em Hong-Kong.

No momento do seu falecimento, Hsu Chin-Chiang era igualmente deputado do quarto Congresso Nacional Popular.

Escândalo «Lockheed»

TOQUIO (AFP) — Depois dos homens de negócios, os políticos: Kakuei Tanaka, ex-Primeiro-Ministro japonês foi preso na terça-feira passada de manhã por implicação no escândalo «Lockheed».

Desde o início do inquérito as autoridades japonesas detiveram 13 homens de negócios, pertencentes nomeadamente à sociedade «Marubeni», a terceira do Japão e à companhia de transportes aéreos «All Nippon Airways». Até o momento nenhum político tinha sido inquirido: Designado há muito tempo pela imprensa e a oposição como o principal beneficiário dos subornos da sociedade americana «Lockheed», Tanaka foi Primeiro-Ministro de 1972 a 1974, na época em que estas operações teriam sido efectuadas.

De momento, Tanaka é suspeito de ter recebido 500 milhões de yen (1.666.000 dólares) por intermédio da sociedade «Marubeni», encarregada da venda dos aviões Lockheed ao Japão.

FIDEL CASTRO: CUBA AJUDARA ANGOLA NA RECONSTRUÇÃO NACIONAL

PINAR DEL RIO (AFP) — Fidel Castro, Primeiro Ministro cubano, declarou oficialmente aberta em Angola a «etapa da paz» e anunciou o envio para este país de técnicos civis cubanos.

O dirigente cubano fez esta declaração num discurso pronunciado perante mais de 150 mil pessoas por ocasião do 23.º aniversário do ataque ao quartel de Moncada infamado da revolução cubana. Tinha ao seu lado Agostinho Neto, Presidente de Angola, que efectua actualmente uma visita de amizade a militares cubanos munidas de armas e que também discursou.

Fidel Castro afirmou que durante as conversações com o presidente angolano as questões militares tiveram um lugar restrito, acrescentando que o que Angola neste momento necessita, é dos «heróis da paz». Ele lembrou todavia que permanecem em Angola «unidades militares cubanas» munidas de armas necessárias para fazer face a «toda nova invasão», e que em caso de agressão externa, os soldados cubanos combateriam ao lado dos angolanos «ombro a ombro».

O Primeiro-Ministro cubano declarou, por outro lado, que as forças cubanas em Angola tinham igualmente por missão treinar as forças governamentais «contra a sabotagem e a contra-revolução». Acrescentou no entanto, que a ajuda de que Angola tinha necessidade actualmente é sobretudo «civil e técnica».

Fidel Castro indicou que as suas conversações com Agostinho Neto incidiram principalmente sobre a colaboração bilateral nos domínios da saúde pública, da construção, da educação, da pesca, da agricultura, da cultura do café e da indústria açucareira. Preciso que a colaboração poderá eventualmente estender-se aos outros domínios.

O Presidente angolano afirmou, por seu lado, no discurso, que o seu país empreenderia a «reconstrução nacional», admitindo que os combates continuam ainda. Felicitou-se pela «solidariedade e amizade» entre combatentes cubanos e angolanos, qualificada de «perfeita», e sublinhou «a ajuda generosa e fraternal» da União Soviética.

SOLIDARIEDADE CONTRA O IMPERIALISMO

Agostinho Neto e Fidel Castro reafirmaram entretanto a solidariedade indestrutível que une os seus povos na luta contra o imperialismo, durante um encontro que teve lugar em Pinar del Rio.

Agostinho Neto, que prossegue a sua primeira visita oficial a Cuba, participou ao lado de Fidel Castro no gigantesco «meeting» que assinalou o 23.º aniversário do assalto ao quartel de Moncada e é considerado o Dia Nacional de Cuba.

O primeiro secretário do Partido Comunista e primeiro-ministro cubano referiu-se à ajuda do povo cubano nas tarefas da reconstrução Nacional de Angola, salientando que a fase que agora atravessa a nação africana não é uma fase militar, mas sim de reconstrução e desenvolvimento intensos para acabar com todas as sequelas do imperialismo e do capitalismo.

Fidel Castro afirmou que o capitalismo ao deixar Angola levou consigo todos os seus técnicos e por isso a ajuda de Cuba na reconstrução nacional do país se situa sobretudo nos sectores da saúde pública, educação, agricultura e indústria.

«A ajuda de que Angola necessita neste momento é sobretudo em técnicos, mas as nossas relações com aquele país africano baseiam-se ainda na cooperação política e militar. Nós ajudamos Angola a lutar contra a sabotagem, a contra-revolução e a manter a coesão e a unidade nas suas fileiras» — acrescentou Fidel Castro.

CONDIÇÕES DE VIDA EM MARTE

PASADENA (AFP) — As verdadeiras experiências de pesquisa vida em Marte pela sonda Viking-1 começaram ontem com a recolha das amostras do solo do planeta.

As fotos da superfície enviadas desde há uma semana pela sonda, mostraram uma paisagem desértica sem nenhuma forma de vida visível. Mas as análises da atmosfera marciana realizadas até agora indicaram a presença do azoto (3 por cento), de argo (1,5 por cento) e de ácido de carbono. Quatro dos principais elementos necessários à vida estão portanto reunidos: oxigénio, hidrogénio, carbono e azoto.

Os biólogos consideram geralmente que a presença de água é indispensável ao desenvolvimento de vida comparável à que se encontra na terra. A pressão atmosférica em Marte é muito fraca — cerca de um centésimo da pressão sobre a superfície da terra, para que a água se mantenha à superfície. Se houvesse, evaporar-se-ia. Vapor de água foi, aliás, descoberto na atmosfera.

TRÊS SEMANAS NO ESPAÇO

MOSCOVO — Ao cabo de três semanas decorridas a bordo da estação orbital «Saliout-5», os dois cosmonautas soviéticos «sentem-se como em sua casa» e os peritos não notaram nenhuma modificação do seu estado de saúde, indicou ontem a agência Tass. A aprendizagem do trabalho exigiu da tripulação cinco a seis dias, acrescentou a agência, segundo a qual este período permanece o mesmo para aqueles que já voaram no espaço como para os que voam pela primeira vez.

Boris Volynov e Vitali Jolobov já terminaram uma parte das suas experiências científicas, nomeadamente as consagradas ao estudo do comportamento dos peixes de

aquário e à germinação dos grãos nas condições de imponderabilidade.

Em compensação, eles continuam a vigiar a formação dos cristais e verificam nomeadamente se os «micro-choques», causados pelas suas actividades desportivas assim como pelo funcionamento dos motores de estabilização, não influem na sua estrutura.

«Saliout-5» efectuou neste dia perto de 600 evoluções à volta da terra, das quais 350 com a tripulação a bordo. Os responsáveis do voo não fizeram até aqui nenhuma observação importante sobre o funcionamento da estação, acrescentou a Tass.

Portugal: Jovens para o campo, nas férias

LISBOA (AFP) — Brigadas de alfabetização compostas de alunos do liceu e estudantes, vão para as quintas colectivas aldeias e cooperativas de Portugal, a partir de Agosto para levar a cabo uma campanha de alfabetização.

O movimento «Alfa» anunciou durante uma conferência de imprensa o lançamento desta iniciativa que visa reduzir a taxa de analfabetismo considera entre 30 e 40 por cento da população. Mil e 500 alunos do liceu e estudantes inscreveram-se para participar gratuitamente nesta campanha que é apoiada pela direcção-geral da Educação Permanente, Secretariado de Estado da Cultura e direcção-geral da Saúde e dos Desportos.

Os voluntários deverão no entanto pagar os seus transportes. A sua acção desenvolver-se-á junto dos trabalhadores agrícolas do Alentejo, de Castelo Branco e de Viana do Castelo, na base de 23 palavras-chaves, entre as quais, por exemplo, «luta, trabalho, refeição, máquina, classe, riqueza,

operário, fábrica, creche, tijolo, emprego, votar», etc. Esta iniciativa visa igualmente desenvolver uma acção cultural e desportiva e uma educação sanitária.

«O nosso objectivo, sublinhou um dos promotores desta campanha, não é e não pode ser resolvido o problema do analfabetismo mas de alertar as autoridades, porque apenas o aparelho de Estado possui os meios necessários para o resolver».

INCIDENTES EM LISBOA

Graves incidentes deram-se na terça-feira passada à noite entre a polícia militar e homens do regimento da Amadora à paisana, na praça do Rossio, no centro de Lisboa. Três militares e vários civis teriam sido feridos segundo as testemunhas, os incidentes começaram no momento em que cerca de 40 membros dos «Comandos», à paisana, atacaram grupos de jovens marginais e de repatriados das antigas colónias, que fizeram do Rossio o seu lugar de encontro. Na origem deste ataque estaria a

Estagiários dos Correios regressam da Costa de Marfim

Dois funcionários do Comissariado dos Correios e Telecomunicações, Fernando Joaquim de Lacerda e Maria de Fátima Gomes Pires, ambos da terceira e quarta divisão do Comissariado, que estavam na Costa de Marfim para um estágio de inspectores, regressaram no início da semana passada.

O curso, feito em Abidjam, divide-se em duas partes, teórica e prática. Participaram também no estágio representantes do Mali, Senegal, Alto Volta, Togo e Mauritânia. Os estagiários contam que **«no princípio, enfrentamos muitas dificuldades devido à língua, pois os nossos conhecimentos de francês eram pequenos para um ensino de tal nível. Mas fomos aguentando o ritmo, frequentando um curso de francês. Pensamos que agora estamos mais capacitados para desempenhar as nossas funções com este pequeno estágio que frequentamos».**

Moçambique

Campanha de alfabetização

MAPUTO (TASS) — «Os nossos sucessos económicos dependem da alfabetização geral!» Esta ideia exprimida pelo Presidente de Moçambique testemunha a grande importância que o governo do país dá à educação nacional, quando o país teve que partir do zero: durante o colonialismo, o ensino era privilégio de um punhado de estrangeiros. Um africano em 100 mil obtinha o ensino secundário. E nenhum médico, economista, engenheiro ou jurista africano!

O decreto que colocou sob controlo do Estado todas as escolas privadas, colégios e escolas superiores, está entre as primeiras medidas tomadas pelo governo popular. Está em vias de realização, um programa de formação acelerada de professores. Dez mil «professores populares» partiram para o campo onde habita a maioria esmagadora da população. Todos os estudantes da universidade ensinam nas escolas. Começou no país a construção de edifícios escolares.

Os resultados desta campanha nacional são evidentes: 150 mil habitantes da província da beira aprenderam a ler e a escrever. Cerca de 100 mil pessoas frequentam os grupos de alfabetização na capital de Moçambique.

Entretanto, os comités de trabalho que têm hoje gestão das empresas e das companhias nacionalizadas em Moçambique, modificam o carácter das relações capitalistas engendradas pelo colonialismo, assim como a reconversão da economia nacional na via socia-

lista. As actividades destes comités na agricultura têm uma grande importância, porque 48 a 50 por cento do produto nacional bruto vem desse domínio.

O comité de trabalho da «Companhia do Boror», recentemente nacionalizada, grande produtor de copra e sisal, lançou ultimamente uma importante iniciativa.

O seu pessoal está empenhado em elevar a produtividade do trabalho, e a aumentar a recolha deste importante produto para a economia.

Faremos o máximo de esforço para demonstrar que o trabalho livre para o bem do povo é o mais eficaz, diz a declaração do comité de trabalho da companhia, a esse propósito. Nós não devemos somente manter o antigo nível de produção, mas elevá-lo.

Em nome de 1500 apanhadores de coco, o comité de trabalho da «Companhia de Boror» convidou todas as empresas da indústria de transformação a apoiarem a sua iniciativa e a trabalharem para se desenvolver a economia do país.

RODÉSIA RACISTA RECRUTA MERCENARIOS

JOANESBURGO — O governo ilegal, minoritário e racista da Rodésia está a recrutar homens para as suas forças armadas em todo o mundo. Dizendo que não se trata de mercenários, o governo de Smith afirma que esses homens são imigrantes que vêm ganhar o mesmo que os militares da Rodésia.

Este afluxo de estrangeiros combatentes pretende contrabalançar êxodo sempre crescente de rodesianos brancos que perderam a confiança no governo e nas suas obstinadas propostas, as quais se caracterizam pelo mais completo imobilismo.

Apesar dos desmentidos governamentais, os correspondentes das agências e jornais ocidentais

encontram com frequência nas zonas operacionais cidadãos ingleses, sul-africanos, alemães, gregos e portugueses, os quais chegaram recentemente à Rodésia. Segundo o jornal sul-africano «Daily Rand», têm sido publicados anúncios nos jornais sul-africanos, ingleses e norte-americanos pedindo ex-militares interessados numa «carreira de serviço ao Sol». As respostas devem ser enviadas para uma determinada caixa-postal dos arredores de Salisbury.

Entre aqueles que têm respondido, contam-se antigos combatentes da guerra do Vietname, da velha campanha contra a guerrilha na Malásia e das guerras coloniais portuguesas.

Aniversario do PAIGC Sorteio de automovel para angariar fundos

Um automóvel «Plymouth Avangar — 1600 GL» é o primeiro prémio da rifa que a Sub-comissão Financeira das Comemorações do XX Aniversário da fundação do PAIGC vai por brevemente em circulação. A entrega dos artigos a serem sorteados

foi efectuada no sábado, dia 24, na Associação, Comercial Industrial e Agrícola da Guiné-Bissau, pelas casas comerciais do País à Subcomissão Financeira. Assistiram ao acto os camaradas Paulo Correia, Presidente do Comité de Estado da região de Bissau, Juvêncio Gomes, Presidente da Câmara Municipal de Bissau e Rui Barreto, Comissário de Estado da Administração Interna Função Pública e Trabalho, além de gerentes das firmas comerciais que ofereceram os prémios.

Os prémios são 40. Além do automóvel, há um aparelho de ar condicionado, um fogão a gás, uma pasta, um jogo de malas, pretronas, um gravador, 21 rádios, uma moto, um cartão de leite em pó, uma caneta Parker, duas máquinas de projectar, uma viagem a Conakry com a duração de uma semana, com alojamento e acompanhantes, um estojo com relógios, quatro colecções de 15 l'vros, uma motorizada, um batedor e ventoinha, uma máquina de passar a ferro, 16 pacotes de cigarros, uma carpeta, uma sessão de cinema e duas caixas de uisque.

Comercio externo

(Continuação da página 2)

mas a Europa Oriental ganha um peso cada vez mais relevante. Com excepção da República Democrática Alemã, que nos devia no final do ano passado cerca de 5 mil contos, a nossa posição perante todos os países da Europa, incluindo os de Leste, era de devedores. A URSS é, no quadro da Europa Oriental, o país com quem desenvolvemos o ano passado, de longe, mais volumosas transacções. No final de 1975, a balança comercial entre os dois países apresentava um saldo de 158 mil, 294 contos a favor da União Soviética. Nesta dívida pesava sobremaneira o

valor de embarcações não especificadas — cerca de 70 mil contos — adquiridas àquele país. Não havia a registar quaisquer exportações da Guiné-Bissau.

Em contrapartida, a nossa balança comercial com a África apresentava um pequeno saldo (não chegava a mil contos) a favor do nosso país. Embora tenhamos relações comerciais com vários países africanos, o movimento é ainda d'íminuto. Cabo Verde era, de entre os países de África, o nosso principal comprador (açúcar, arroz, milho, feijão) e o Senegal o nosso principal vendedor. As trocas no quadro dos países da CONCP eram insignificantes.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Forte tremor na China

PEQUIM (AFP) — Registou-se ontem um tremor de terra na China. Provocou alguns mortos a 70 quilómetros do seu epicentro. Tang Shan, na cidade industrial de Tientsin, segundo o antigo Primeiro-Ministro australiano, Edward Gough Whitlam, de regresso desta cidade quarta-feira à tarde.

Whitlam, em visita à China com a sua esposa, declarou no seu regresso à imprensa que os prejuízos pareciam muito importantes. Esta testemunha sobre as consequências do tremor de terra a 70 quilómetros de seu epicentro deixa supor a amplitude catastrófica do sismo cujas abalos vivos secundários continuam a ser sentidos no Pequim.

«Não sei quantos mortos houve mas os chineses disseram-nos que há alguns, mas não conhecem o número exacto», acrescentou Whitlam.

O sismo que abalou a região de Pequim é o mais forte registado no mundo desde 1964, anunciou o serviço geológico americano.

Kannete Kaunda visita Maputo

LUSAKA (AFP) — O Presidente Kenneth Kaunda visita Maputo pela terceira vez. Chega hoje a Moçambique, para uma visita de 24 horas a convite de Samora Machel, soube-se em Lusaka, de fonte oficial.

Pensa-se que as discussões entre os dois chefes de estado incidirão sobre a situação na África Austral e, nomeadamente, acerca da escalada da guerrilha na Rodésia. Todavia, nenhum detalhe foi dado, oficialmente, sobre o conteúdo das futuras conversações.

Quénia e Uganda em litígio

NAIROBI (AFP) — O Quénia convidou o Secretário-Geral da OUA, William Eteki, para visitar o país imediatamente, para constatar que não foram encerrados as fronteiras com o Uganda. O ministro queniano dos Negócios Estrangeiros, Munnyua Waiyaki, declarou aos membros do corpo diplomático em Nairobi que o Secretário-Geral tinha pedido para ir ao Quénia depois da mensagem que lhe foi enviada pelo marechal Idi Amine, Presidente do Uganda.

Italia: Governo minoritario

ROMA (AFP) — A direcção do Partido Democrata-Cristão autorizou o Primeiro-Ministro desigredo Giulio Andreotti, a constituir um governo minoritário democrata-cristão «homogéneo». Um comunicado publicado nesta ocasião sublinhou que as consultas empreendidas desde há 15 dias mostraram «a impossibilidade de constituir um governo de coligação».

Reuniao em Bambadinca

O presidente do Comité de sector de Bambadinca, Malam Biai, reuniu-se com os presidentes dos Comités de tabanca locais. Na escola rural, discutiram questões relacionadas com a vigilância popular, no sentido de impedir actividades contra as normas do Estado. Além disso, falaram na formação de membros religiosos muçulmanos em cada bairro, no reforço do trabalho na lavoura e na obrigatoriedade de cada presidente do bairro esclarecer a população sobre o desenvolvimento do trabalho agrícola.